



Pixabay.com

A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA E A LIBERDADE POLÍTICA EM LA BOÉTIE

Por: Leonardo Pellegrinello Camargo¹

Resumo

La Boétie define a tirania como uma forma de poder que elimina a liberdade e a participação política. Destaca também que o tirano só obtém o poder mediante a aceitação e obediência do povo, que o serve voluntariamente. Defende que se o povo simplesmente se recusa a servir, acabaria o poder do tirano. Rompe com as concepções políticas medievais e elabora a ideia de liberdade que será abordado por vários autores na filosofia política. Defende como ideal a amizade, em contraposição à tirania.

Palavras chave: servidão, liberdade, política.

Abstract

La Boétie defines tyranny as a form of power that eliminates freedom and political participation. He also points out that the tyrant obtains power only through the acceptance and obedience of the people, who serve him voluntarily. He argues that if the people simply refuse to serve, the tyrant's power would end. It breaks

¹ Mestre em Filosofia (PUCPR). Professor de Filosofia do Colégio Estadual do Paraná.
leonardocamargo8282@gmail.com

with the medieval political conceptions and elaborates the idea of freedom that will be approached by several authors in the political philosophy. He defends friendship as an ideal, as opposed to tyranny.

Keywords: servitude, freedom, politics.

1. La Boétie



Étienne de La Boétie foi um pensador francês, cuja obra que abordaremos se tornou a mais conhecida do autor. Escrita quando o mesmo tinha apenas dezoito anos, revela um raciocínio jovem com desejo de mudança e marcado por sua época.

No século XVI, época em que o pensador viveu, o continente europeu estava conhecendo culturas diferentes de outros continentes através das grandes navegações, e eram intrigantes o modo de vida destes outros povos para eles, principalmente os ameríndios. Além de serem distintos os costumes, credos, modos de vestir e de se portar, estes povos não tinham uma forma de poder político monárquico, que era o mais comum na Europa.

Desta forma, foi natural que alguns pensadores refletissem como o poder político, e conseqüentemente a liberdade, podem ser estabelecidas de outras formas. Portanto é comum na teoria política deste período pensar sobre um hipotético Estado de Natureza e refletir com fazer a melhor passagem para o Estado Civil. Estabelecem assim várias teorias sobre qual a melhor forma de poder, baseadas em princípios sobre a natureza do poder, e sobre a bondade natural ou não do homem.

Como veremos, La Boétie não vai defender um sistema político determinado, e faz críticas diretas sobre a monarquia absolutista. Contudo, também nos alerta sobre os perigos que a democracia pode trazer. De toda

forma, sua abordagem é original, pois reflete sobre dois conceitos que a princípio deveriam ser opostos: a servidão voluntária.

1.1. Servidão Voluntária

Em sua obra mais conhecida, La Boétie afirma que, naturalmente, desejamos a liberdade, ou seja, se fossemos escolher entre ela e a servidão, naturalmente desejaríamos ser livres. Contudo, ele nos provoca com a seguinte pergunta, feita com outras palavras: ora, se desejamos a liberdade, porque aceitamos o tirano?

Aprofundando a questão, como milhões podem obedecer apenas a um só, como se estivessem enfeitados, já que não há uma grande força obrigando-os? Como tantos homens podem estar viciados nesta tirania? A sua resposta é que os próprios povos é que permitem ser governados pelo tirano, é a população que se sujeita a esta situação.

Para sustentar a sua afirmação, o autor nos dá um exemplo: em um hipotético combate entre um povo que luta pela sua liberdade e um exército conquistador, não teríamos dúvida que luta pela sua liberdade iria lutar com mais vontade. A liberdade, seria uma ideia naturalmente boa, um estado que entenderíamos o que ela é e para exercê-la basta apenas querer ser livre. Segundo Coelho:

O principal aspecto em jogo, aqui, não é o ato de rebelar-se contra um tirano, mas o de opor à tirania, preventivamente, o modelo de amizade clássica. Esta não é apenas um relacionamento pessoal, mas uma disposição de entrega absoluta e recíproca entre iguais, onde o cálculo das vantagens egoístas não tem lugar. A origem da tirania, para La Boétie, é o rebaixamento desse modelo igualitário de reciprocidade e de virtude.²

1.2. Recusa à servidão

La Boétie defende que, uma vez perdida a liberdade para o tirano, ela só será recuperada se o súdito se recusar a obedecer ao tirano. Neste texto, não defende a revolução, ou mesmo uma revolta, mas simplesmente a recusa a

² COELHO (2009) p. 120.

servir, pois isto desestabilizaria a base do poder do tirano. Recuperaríamos, também, a nossa liberdade que seria natural: “Se vivêssemos com os direitos que a natureza nos deu e com os ensinamentos que ela nos forneceu, seríamos naturalmente obedientes aos pais, sujeitos à razão e servos de ninguém.”

Como somos feitos todos da mesma forma, naturalmente, devemos nos reconhecer como irmãos, como iguais, e conseqüentemente sem nenhum tirano acima dos demais, e devemos procurar uma comunhão de nossas vontades. O autor afirma que não nascemos com a posse da liberdade, mas sim com o direito de defendê-la. Para corroborar esta afirmação, La Boétie utiliza o exemplo dos animais: qual animal escolheria ficar preso, ao invés da liberdade?

Desta forma, o autor defende que o início da servidão é artificial. A primeira geração de servos foi forçada e enganada. As gerações seguintes servem ao tirano de forma voluntária – estão acostumados, encaram a servidão como um regime natural. Portanto, La Boétie defende que o fator que nos ensina a servir é o costume:

É assim que os homens nascidos sob o jugo, depois alimentados e educados na servidão, sem olhar para a frente, contentam-se em viver como nasceram, sem pensar em ter outro bem, nem outro direito senão o que encontraram, tornando como natural sua condição de nascença.³

Como desde a sua infância os homens são acostumados e criados a servir, a servidão se torna natural, criando homens fracos e apáticos, e portanto torna-se voluntária. Estas pessoas não buscam a felicidade e conseqüentemente a liberdade. A recusa à servidão é o chamamento à ação política:

Esta é a linguagem da revolução, o apelo à resistência, tal como apenas um século mais tarde foi apresentado enquanto instrumento da luta política e somente então, assim como no futuro, adquire sua completa relevância social. A razão revolucionária, evitando a dominação burguesa, quer interferir diretamente na história e, com isso, terminar com todas as prerrogativas. A proposta de La Boétie é a ação direta.⁴

³ LA BOÉTIE (2009) p.09.

⁴ HEYDORN (1988) p. 18.

Para o autor, a servidão independe da forma de governo. Eleito de forma democrática, tomando o poder a força ou recebendo o poder através da sucessão monárquica, o tirano irá agir da mesma forma. Dessa forma, para ele o sistema político não é mais importante do que a prática política dos cidadãos. Além disso, o tirano sempre fará questão de subjugar todos para que o seu poder seja assegurado.

La Boétie distancia-se com o seu Discurso da Servidão Voluntária da tradição política é para combatê-la, para opor-se radicalmente ao próprio significado de servidão, o panegírico sempre recomeçado da tirania, sob as inúmeras formas que esta pode adquirir. Este gesto de ruptura guarda uma dupla afirmação, forçosamente escandalosa aos olhos de todos aqueles que, tanto em seu contexto quanto hoje, afirmaram-se ou afirmam-se como vitoriosos da ordem estabelecida.⁵

1.3. Poder do tirano: pirâmide

Sobre como funciona o poder do tirano, o autor afirma que o déspota se aproveita da natureza do povo, que tende a desconfiar de quem o ama e ser sincero de quem o engana. Para sustentar a tirania, lança-se mão de jogos e espetáculos, festas, para entreter os subjugados. Na política romana de pão e circo, distribui-se o alimento gratuitamente para o povo, porém, para La Boétie, apenas distribuiria a comida que já foi roubada do próprio povo.

Para que a obediência não seja questionada, o autor nos traz a situação política muito comum que é explorar o sentimento religioso, colocando o tirano como uma divindade ou como um enviado divino. Assim a obediência torna-se a devoção ao tirano. Segundo Chauí, o Discurso rompe com a tradição clássica e cristã:

O núcleo da argumentação da La Boétie, porém, se concentra não na diferença entre o bom e o mau poder, mas na gênese do *Imperium*, no infortúnio e na insensatez dos que, admirados com suas qualidades efetivamente excepcionais, elevaram um homem acima dos demais, deixaram-no tomar o título de capitão, depois de rei e senhor. Esse gesto de elevação, pelo qual um indivíduo é eleito para dirigir os demais, colocando-se fora e acima da comunidade de onde saiu, é a definição jurídica do rei cristão, a *nemini judicatura* (ninguém pode julgá-lo),

⁵ TONETI, (2009) p. 172.

solidária com sua definição de “portador da lei em seu peito” e, portanto, *legibus solutos* (não submetido à lei). No mundo cristão, trono e majestade figuram a separação do rei e a divisão entre a sociedade e o poder político, tornando o governante inalcançável ao julgamento dos súditos porque, pela unção e coroação, recebe de Deus a elevação, ainda que tenha chegado ao poder sob a forma da eleição pelo povo ou pelos pares. O essencial é que ele não foi pro eles *investido* no poder e não pode por eles ser julgado⁶.

Ainda sobre o funcionamento da tirania, o poder do tirano se conservaria não com o apoio de sua guarda – não são as armas que defendem o tirano. O poder do déspota é sustentado por seis que estão por perto, em cargos chave. E cada um influencia a servidão em vários:

Esses seis tem seiscentos que se aproveitam deles e fazem desses seiscentos o que os seis fazem com o tirano. Esses seiscentos dominam seis mil, a quem promoveram e aos quais dão ou o governo das províncias ou o manuseio do dinheiro.⁷

Portanto, para La Boétie, a estrutura da tirania é uma espécie de pirâmide, onde cada estamento tem postos que comandam vários que estão abaixo. O tirano, um homem apenas, um dos mais fracos segundo o autor, tem o seu poder baseado na obediência e servidão dos cargos mais baixos. O rei, segundo ele, ao se proclamar um tirano, tem o apoio direto dos piores sujeitos da sociedade, com o objetivo de terem parte do espólio e de também de serem tiranetes. Portanto, o tirano sempre está em uma situação peculiar: ao mesmo tempo que depende do apoio da escória do reino, deve se preocupar em se proteger desta ralé para não perder o poder.

No cotidiano da corte, o tirano deve estar acostumado com a bajulação e a influência destes que são próximos a ele. Nestas relações, há uma disputa por benefícios e poderes, não há espaço, segundo ele, para alianças baseadas no amor e na amizade. O déspota, portanto, nunca pode estar em total segurança, a traição sempre estará à espreita:

Passar noite e dia tentando agradar a um, e contudo temê-lo mais que a um homem do mundo; ter sempre o olho alerta, o ouvido à escuta, para espiar de onde virá o golpe, para descobrir-lhe as ciladas, para sentir a ruína dos companheiros,

⁶ CHAUI (2013) p. 54.

⁷ LA BOÉTIE (2009) p. 03.

para avisar quem o trai, rir para cada um e, entretanto, temer a todos.⁸

Contudo, mesmo deixando claro a sua crítica à tirania neste texto – e o seu elogio à liberdade - La Boétie não defende explicitamente qualquer forma de governo. Poderíamos pensar que ele defenderia logicamente a democracia, porém, como afirmado anteriormente, o autor afirma que mesmo através do voto pode surgir um tirano. Como afirma Feijão:

(...) o modelo democrático pode ser considerado como uma servidão voluntária, pois a ilusão de representatividade popular desenvolvida pelas elites e a geração de uma passividade gritante favorecem o terreno para um cultivo de uma aptidão à submissão, o que torna fértil as velhas e viciadas práticas conhecidas no mundo contemporâneo.⁹

A exaltação da liberdade está ligada à ideia de um direito natural revolucionário, não se tratando desta ou daquela dominação, mas da negação de toda dominação, assim o autor faz parte de uma tradição de pensadores políticos libertários:

Nesta medida, o *Discurso* assume um lugar próprio dentro da literatura utópica da época. Não visa nem a democracia burguesa nem uma ordem estatal socialista. Desse ponto de vista ele vai além de Mórus e Campanella. Gustavo Landauer, que está entre os poucos na Alemanha que chamou a atenção para La Boétie, tem razão quando comenta: “este ensaio anuncia o que, mais tarde, em outros idiomas, dirão Godwin e Stirner, Proudhon, Bakunin e Tolstói: está dentro de vocês, não lá fora: vocês mesmos o são. Os homens não devem ligar-se por laços de dominação, mas vincular-se como irmãos. Sem dominação; An-archie”.¹⁰

A liberdade é a condição humana por excelência para La Boétie, portanto o homem não está preso a nenhum contrato, e ele deve exigir respeito a seu direito original. A supressão da dominação pelo tirano resulta da inclinação natural do homem para a razão, e esta é parte constitutiva do autoconhecimento e está nele incluído. Consequentemente, o homem deve somente conhecer a si mesmo e descobrir em si a sua própria razão.

⁸ LA BOÉTIE (2009) p. 20.

⁹ FEIJÃO (2017). P 152.

¹⁰ HEYDORN (1988) p. 12/13.

La Boétie foca neste texto no porque os homens se submetem a um só, como dito acima. Utiliza alguns conceitos comuns do pensamento político, contudo não se preocupa em classificar e defender as melhores formas de governo, mas sim em problematizar a causa desta submissão. A sua conclusão é perturbadora, pois deixa claro que os homens se dão a um senhor porque não desejam a liberdade pois a eles ela lhes parece demasiado fácil. Esta renúncia à liberdade é a razão de todo poder daquele único homem, ou seja, os homens servem, pois, desejam servir.

A figura do um, que tem o poder, é baseada na sensação de segurança do povo, aproveita-se de um bem imaginário, como se única de a obter seja através da submissão. Este um é como se fosse um símbolo que uniria a todos, independentemente das diferenças, e seria a razão de viver nesta sociedade, de forma submissa, e onde todos oferecem mais obediência, mesmo que faça parte dos seiscentos, sessenta ou os seis que estão próximos do tirano.

2. Conclusão

Desde que foi publicado por Montaigne em 1577, o *Discurso da Servidão Voluntária* foi traduzido para várias línguas e teve inúmeras edições. Também foi lido e interpretado por vários pensadores e correntes políticas. Pensadores anarquistas o colocavam como o primeiro que defendeu o fim da tirania, pensadores liberais o colocaram como um símbolo da defesa do indivíduo perante o Estado opressor, enquanto pensadores socialistas o lembravam como um dos primeiros que defendiam o fim da submissão e da propriedade privada, entre outras correntes de pensamento. O autor não pretendia fazer um panfleto, pregar ao povo.

Destacamos que La Boétie não defende neste texto qual forma de poder que seria a melhor, nem tampouco transcreve um caminho como colocar em prática qualquer forma de governo. A sua grande contribuição, feita de forma empolgada com um espírito jovem, foi problematizar sobre a nossa liberdade. Liberdade que não é vista de forma individual, mas sim de forma positiva, pois para ele é a ação política - realizada de forma pública - de simplesmente se recusar a servir é poderia ter alguma mudança na tirania.

A servidão voluntária gera a união de todos, e La Boétie a contrapõe a amizade, com aqueles que partilham e que a ideia e a memória da liberdade, que reflete sobre a ação e percebe os malefícios da tirania. Toda amizade só é possível entre iguais e quando nenhum é colocado como um senhor, assim a amizade tem uma dimensão política muito importante. Como afirma Chauí:

Liberdade é ser “servo de ninguém” e só é possível se a igualdade entre os diferentes não se transformar em desigualdade entre superiores e inferiores. Liberdade é amizade, e amizade é não elevação de um. Assim, ao escrever que a tirania desfaz desde que nada seja feito para o tirano e desde que nada do que pede lhe seja dado, La Boétie não propõe a “resistência passiva” nem a “desobediência civil”: propõe que não seja reiterado o ato gerador do tirano, isto é, a elevação e separação de um.¹¹

La Boétie propõe assim uma nova ética e política, cujo núcleo central é amizade. A perspectiva do autor é de politização da amizade, como uma nova maneira de agir, com liberdade e sem pretender o domínio do outro.

3. Referências

CHAUÍ, Marilena. **Contra a servidão voluntária**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

COELHO, Marcelo. **A amizade imperfeita**. In: Vida vício virtude. São Paulo: Editora Senac São Paulo, Edições SP, 2009.

FEIJÃO, Felipe Augusto Ferreira. **Desobediência civil ao poder soberano em La Boétie**. Filogênese. Vol.10. Marília, 2017.

HEYDORN, Heinz-Joachim. **Introdução à tradução alemã do “Discurso da Servidão Voluntária”, de Etienne de La Boétie**. Revista Educação & Sociedade. Campinas: Ano X, nº29, Julho/1988. p. 5-30.

LA BOÉTIE. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Editora da revista dos tribunais, 2009.

TONETI, Edson Donizete. **Discurso da servidão voluntária: relações de força e liberdade na obra de La Boétie**. Revista Filosofia Aurora. Curitiba: v.21, n.28, p. 165-191, jan./jun. 2009.

¹¹ CHAUÍ (2013) p. 18/19.

